

CARTA DE EMANCIPAÇÃO

Na instalação em Belo Horizonte do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, Francisco Juliao leu a sua CARTA DE EMANCIPAÇÃO, que aqui reproduzimos na íntegra. Não podemos resumí-la num título, nem mesmo numa frase.

O povo brasileiro se encontra diante de dois problemas fundamentais: o problema do seu desenvolvimento econômico independente e o problema da preservação e ampliação da sua liberdade.

O desenvolvimento econômico independente pressupõe duas providências: 1) - o controle da indústria nacional pelo capital nacional, público e privado; 2) - a reforma agrária.

A preservação e ampliação das liberdades públicas são consequências também desse desenvolvimento. Não se pode conbeber um povo livre entregue, nas cidades, à sanha do imperialismo e, nos campos, à dominação vil do latifúndio.

Nossa luta patriótica, neste momento, deve ter, portanto, como consignas fundamentais o Nacionalismo Econômico e a Reforma Agrária.

Dessas verdades, já se convenceu, desde muitos anos, o nosso povo. Por esses objetivos vem ele lutando, há muito tempo. E é possível afirmar que muitas vitórias foram alcançadas, nas diversas batalhas travadas contra os inimigos internos e externos da massa explorada de nosso país. Uma dessas vitórias mais expressivas é a realização deste Congresso, primeiro grande plenário dos camponeses do Brasil.

Mas, é verdade incontestável que continuamos com nosso parque industrial dominado pelos grupos internacionais do capitalismo; e é verdade também que o latifúndio prossegue sugando as energias da nação brasileira.

Cabe a todos nós, então, fazer uma análise de nosso trabalho, até os dias de hoje. Por que defendendo pontos de vista acertados, por que contando com o entusiasmo e a dedicação do povo, não conseguimos ainda emancipar, de fato, nossa terra e libertar, de verdade nossa gente? Essas perguntas merecem resposta. Exigem resposta, porque as massas nacionais começam a perder a paciência, começam a descrever das palavras e até dos seus líderes. Não há dúvida de que tudo se resume à definição exata do que seja Nacionalismo Econômico e do que seja Reforma Agrária. Por Nacionalismo Econômico tem sido vendido ao povo muito contrabando ideológico. Como Reforma Agrária tem o povo visto muita medida em favor de reis latifundiários, contra camponeses sem terra.

Numa situação como esta, em que a reação pretende enganar as suas vítimas com palavras ocas, nossa luta fundamental deve ser aquela do restabelecimento da verdade. O Nacionalismo Econômico ou consiste no controle da nossa indústria pelos brasileiros, pelo seu governo, pelos seus industriais e pelos seus operários ou não é nacionalismo, mas uma mentira à face do povo.

A Reforma Agrária ou é feita em favor do camponês, com o controle do camponês ou nada significa, senão mentira, engano ou traição.

A situação de nossa Pátria é aquela de país invadido pelo estrangeiro. Enquanto os governantes dizem belas palavras a respeito de nossa independência, desnacionaliza-se a indústria e o comércio. O setor mais forte do nosso parque industrial, o automobilismo, pertence aos trustes e cartéis que dominam o mundo; nossos combustíveis, produzidos pelo governo, são distribuídos pelos trustes; até nosso café, produzido pelos nacionais, é vendido por firmas imperialistas.

Os governos - todos eles - se afirmam nacionalistas, mas continua em vigor a instrução 113 e outras semelhantes providências, que criam, dentro de nosso próprio país, condições melhores para o imperialismo que para os empresários nacionais.

Estes últimos, por sua vez, se apelam para os seus operários e para as massas camponesas, nas horas difíceis para os seus negócios, por outro lado se voltam contra os trabalhadores, todas as vezes que esses reclamam melhor participação no progresso econômico do Brasil.

Nas horas difíceis das massas exploradas, esses empresários preferem aliar-se aos seus dominadores estrangeiros, para, junto com eles, assegurarem os seus lucros extraordinários.

Somente o povo, trabalhador tem sabido resistir em todas as horas. Mas, tem sido enganado, traído, mistificado. Este é o balanço de tantos anos de luta.

Os camponeses brasileiros, estes vivem num regime de campo de concentração. Estamos cercados pelo arame farpado. Há uma multidão imensa de homens, no campo, que morrem à mingua, à falta de terra onde trabalhar. Há um verdadeiro continente de terras, clamando pela enxada, pelo trator, pelo machado, para começar a produzir. Mas no meio, entre o camponês e a gleba farta, há o arame.

O latifundiário, mandando no banco, mandando na prefeitura, mandando no governo, mandando nas assembleias e no Congresso Nacional, dirige a política do país. Em 1930, o povo fez uma revolução para acabar com esse domínio, mas ele reviveu, logo depois, sustentando pelo imperialismo, que deseja continue o Brasil um mero exportador de produtos tropicais.

Até as grandes florestas do Oeste já estão dadas pelo governo aos grileiros. Quando o caboclo foge da civilização, a coice de rifle, a tiro, a facão ou acossado pela fome, onde ele chegar, encontrará o latifundiário fabricado pela lei injusta, que enriquece o potentado e quer matar o miserável.

O resultado disso é que as cidades estão famintas, enquanto apenas 8,2% da área dos estabelecimentos agrícolas são utilizados na lavoura e cerca de 9 milhões dos 11 milhões de camponeses brasileiros não possuem terra própria.

Invadido pelo estrangeiro escravizador, cercado pelo arame do latifundiário, o povo se esclarece às custas da miséria a que vem

sendo relegado. Esclareceu-se e se está organizando. Aí estão os sindicatos, cada vez mais fortes e independentes do patrão e do governo. Aí estão as "Ligas Camponesas", recitando em todos os rincões da nossa pátria o evangelho da terra livre. Soou a hora da emancipação. Passou a hora do engano. Só a verdade salvará a pátria. Só a verdade salvará o povo.

A verdade é que o imperialismo tem de ser jogado além de nossas fronteiras. As empresas cujos lucros estejam acima de seus investimentos já pertencem ao Brasil. Devem ser nacionalizadas todas. A indústria básica deve ser controlada e dirigida pelo Poder Público. O comércio exterior deve ser monopólio do governo. Todos os tratados lesivos ao Brasil devem ser denunciados. Devemos ter relações com todos os países.

A verdade é que a Reforma Agrária tem de ser radical. Nada de pagamento em dinheiro, mas em títulos da dívida pública. Nada de preços extorsivos pelas terras desapropriadas. O preço deve ser o valor declarado para o imposto territorial. A política de colonização deve ser em favor do camponês. Isto só é possível se for feito pelo camponês. Estes devem participar ativamente dos órgãos que revisarão a política agrária nacional.

A verdade é que os setores parasitários das cidades e dos campos - os que vivem da renda da terra, sem nada fazer, os que vivem de emprestar a juros, os que vivem de aluguéis de prédios e de apartamentos, explorando o povo, - devem desaparecer. Deve ser feita uma reforma urbana, para acabar com o latifúndio também nas cidades, de modo que todo operário, todo homem da classe média tenha um terreno para plantar a sua casa. Devem ser nacionalizadas os bancos.

A verdade é que a democracia deve ser aprofundada. O analfabeto deve votar. Ele é a maioria em nosso país. Deve votar também o soldado, o praça de pré. A liberdade sindical, rural e urbana, deve ser ampliada. Ampliado deve ser o direito de greve. O privilégio das classes possuidoras deve ser substituído pelo privilégio do povo trabalhador. A este deve ser reconhecido o direito inalienável à resistência civil, em caso de golpe, em caso de assalto ao sistema de liberdades inscrito na Carta de Direitos do Povo. Este é o programa de emancipação. Esta é a nossa carta de luta. Nada de alianças fora dessa verdade que está à vista de todos. A independência, a liberdade, a todos interessam. Todos, portanto, são chamados para a batalha.

Mas, a aliança, não pode subsistir à base da mentira, da falsificação.

Em séculos da história, o povo, no Brasil, tem dado o seu sangue pela grandeza da terra comu. Ela tem enriquecido, graças a esta luta. Mas, os frutos têm sempre restado propriedade de minorias. As vastas camadas do povo, estas empobrecem sempre. Por outro lado, as soluções se arrastam. O que produzimos está muito abaixo do que deveríamos produzir. O que temos é muito menos do que deveríamos ter.

A independência política nos deixou economicamente dependentes, a abolição libertou o homem negro, mas não libertou o branco pobre e deixou os dois escravos da terra. Joaquim Nabuco foi chamado de carbonário porque lutou pelos pretos e acabou acusado de comunista porque disse essa verdade segundo a qual ou se faz a reforma agrária ou continua, com outro nome e outra forma, a mesma escravidão.

Enfim, nossas reformas são sempre feitas pela metade - naquela metade que interessa aos poderosos. Fomos independentes quando Portugal resolveu nos entregar à exploração do imperialismo inglês. Libertamos os escravos quando o senhor preferia pagar salário de fome a sustentar de cama e mesa o escravo africano.

Mas, isto não é emancipação. Emancipação é o governo do povo. É a satisfação de suas necessidades. É o controle da produção pelos que produzem.

Nada de meias medidas, nada de contenção, nada de conciliações criminosas, com os inimigos do país e do povo. Usemos dos direitos que a Constituição nos dá, em defesa dos nossos interesses. Ajamos com mão de ferro contra todos aqueles que pretendem revelar-se contra as liberdades que conquistamos.

COMPANHEIROS CONGRESSITAS:

De todos os recantos do Brasil, de Extremo Norte ao Rio Grande do Sul, vocês vieram, vencendo grandes distâncias e duros obstáculos, pelas estradas que parecem não ter fim. E aqui estão, em Belo Horizonte, no coração da Pátria, realizando o I CONGRESSO NACIONAL DE TRABALHADORES AGRÍCOLAS. É um acontecimento que ficará para sempre na memória de cada um de nós e que passará a História como o passo mais avançado que vocês já deram na marcha gloriosa de muitos anos, em busca de um sonho que há de se transformar, já e já, em realidade: a REFORMA AGRÁRIA.

Rendamos nossas homenagens a todos os grandes espíritos do passado que se bateram em favor dessa causa tão humana e tão generosa. Ela não escapou a um Padre Vieira, a um José Bonifácio, o Patriarca, a um Castro Alves, a um Joaquim Nabuco, a um Luiz Gama, quando cada um deles ergueu a sua voz em favor da emancipação dos escravos negros. Ela tem levado milhares de irmãos nossos à luta e ao sacrifício.

A Inconfidência Mineira, de que Tiradentes saiu esquartejado mas coberto de glórias, como o Mártir da Liberdade, os Quilombos de que o preto Zumbi foi o símbolo da resistência, do heroísmo e do sacrifício, o Balaiada, a Sabinada. A Revolução Praieira, Canudos e tantos e tantos episódios ligados à rebelião dos escravos e camponeses de todas as cores, são sintomas de que a luta pela terra não é de ontem. Essa luta, deixemos bem claro, não é obra de um homem, de um partido político, de uma seita religiosa, mas do próprio povo oprimido, na sua ânsia de liberdade e de justiça.

Essa luta é de vocês proletários sem terra ou de pouca terra, neste país de tanta terra. O que fez Tiradentes, o que fez Vieira, o que fez Bonifácio, o que fez Nabuco, o que fez Castro Alves, o que fez Luiz Gama, o que fez Zumbi, o que fizeram todos os patriotas, no seu tempo e depois deles, o que estamos fazendo hoje, aqui neste Congresso nós que nos engajamos como soldados razos é ainda pouco, diante do sacrifício anônimo dos milhões e milhões de irmãos nossos que, tombaram e ainda tombam pela imensidão da pátria sob o jugo cruel do latifúndio de cujo ventre nascem os monstros mais frios e impiedosos. Esses monstros tem o nome de Fome, Capanga, Cambão, Analfabetismo, Mocambo, Favela, Miséria, Mortalidade infantil, Juventude mutilada, Velhice sem Amparo, Doença Social, numa palavra, MORTE. Morte do Corpo, Morte do Espírito, Morte da Liberdade, Morte da Justiça, Morte da Esperança, Morte do Povo, Morte da Pátria. Que viemos fazer aqui, então? Nós viemos, companheiros, não apenas estudar teses, aprovar moções, bater palmas, unir

mãos, confraternizar. Nós viemos também para ressuscitar o Corpo, o Espírito, a Liberdade, a Justiça, a Esperança, o Povo, a Pátria.

Vimos do Norte, do Nordeste, do Centro, do Sul, do Leste, do Oeste, de todo esse Continente que é o Brasil, para dizer às elites apodrecidas de tanto se nutrir com o cadáver das crianças, dos governos corruptos e comprometidos com a reação, o truste e o latifúndio, aos sacerdotes que abandonaram o Cristo, aos golpistas e assassinos da liberdade, todos os que se acomodam, que se alugam, que se vendem, que se aviltam, viemos, sim, para dizer a todos eles, que este Congresso que, aqui, hoje se instala, é a última denúncia à Nação para que ela core de vergonha e saia do opróbrio, é o último aviso aos navegantes que tãimam em acorrentar nos porões do latifúndio "legiões de escravos" de todas as cores, de todos os credos, de todas as idades.

Se outros motivos não houvessem para a escolha de Minas Gerais a fim de realizar este Congresso, bastaria a glória que lhe cabe de ter sido a terra que foi ensopada pelo sangue do seu Filho-Mártir, Tiradentes. Inspirados no seu exemplo, vocês hão de voltar daqui, não para se deixar esquartejar, pois os campos do Brasil estão juncados de cadáveres dos Mártires da Fome, porém para esquartejar o latifúndio, execrando-lhe a memória e o nome.

Do Nordeste onde renasceram, vigorosas e invencíveis, também vieram as Ligas Camponesas, representando centenas de milhares de assalariados agrícolas, de parceiros, de meeiros, de posseiros e pequenos proprietários, para falar bem alto a fim de que o Brasil, a América Latina e o Mundo inteiro, escutem a sua voz que já não é de desânimo, mas de coragem, de resignação, mas de luta, de desespero, mas de revolta.

Elas nasceram do próprio coração do latifúndio, como uma flor que se abre sobre o lodo. Estão montadas no lombo da História. Ninguém poderá detê-las como não se detém o tempo. É ilusão barrar a sua marcha porque elas têm nas mãos o futuro. São como aquelas sementes que um pássaro - a liberdade - carrega no bico e espalha pelo Brasil. Por isso é que de Pernambuco ganham outras terras e, hoje, milhões de camponeses de nossa pátria e além das nossas fronteiras esperam por elas como o nascer do sol. O latifúndio as golpeia. O governo as teme. A Igreja se espanta. Mas elas vão crescendo como a chama que o vento açoitava. De onde vem essa chama? Essa chama resulta do atrito inevitável entre o senhor e o escravo, entre o opressor e o oprimido, entre o sistema socialista que nasce como a madrugada. Essa chama foi a mesma que iluminou a Sierra Maestra. Que fez de FIDEL CASTRO uma tocha acesa. Que fez de CUBA uma fogueira para iluminar toda a América Latina. Essa chama tem um nome que faz tremer a face do tirano e enche de esperança o coração do escravo. Essa chama tem o nome de Liberdade. É em nome dela que aqui estamos. É por causa dela que o homem morre. É por causa dela que o homem vive.

Essa chama é que ilumina, hoje, este Congresso. Porque aqui estão os camponeses. Porque aqui vieram ter os operários. E os estudantes. E o povo. Essa chama é que ilumina todos, nós.

E, para que ela não se apague, devemos transformar em realidade aquele verso do hino que aprendemos a cantar na escola primária: OU FICAR A PATRIA LIVRE, OU MORRER PELO BRASIL!...

(Publicado nas páginas 6 e 7 do Suplemento Especial de Novos Rumos - N. 148, de 8 a 24 de dezembro de 1961)